



MISSÃO INTEGRAL:  
PROCLAMAR O REINO DE DEUS,  
VIVENDO O EVANGELHO DE CRISTO



SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE EVANGELIZAÇÃO

[ 27 DE OUTUBRO A 1º DE NOVEMBRO DE 2003 ]

MISSÃO INTEGRAL:  
PROCLAMAR O REINO DE DEUS,  
VIVENDO O EVANGELHO DE CRISTO



Copyright © 2004 por Visão Mundial do Brasil  
Todos os direitos reservados

Primeira Edição: *Dezembro de 2004*

Revisão: *Délnia Momesso César Bastos*  
*Noemi Lucília Soares Ferreira*

Capa: *B. J. Carvalho*

■  
PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO  
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

C749m  
2004

---

Congresso Brasileiro de Evangelização (2. : 2003 : Belo  
Horizonte, MG)

Missão integral : proclamar o reino de Deus, vivendo o  
evangelho de Cristo. / 2. Congresso Brasileiro de Evangelização,  
Belo Horizonte, 27 de outubro a 1 de novembro de 2003. —  
Viçosa, MG : Ultimato ; Belo Horizonte : Visão Mundial, 2004.  
304p. : il. ; 23 cm

1. Evangelização - Congressos. I. Título. II. Título: 2.  
Congresso Brasileiro de Evangelização.

CDD 20.ed. 253.706

---

# SUMÁRIO

---

APRESENTAÇÃO <i>Serguem Silva</i>	9
PREFÁCIO <i>Manfred Grellert</i>	11
PALAVRA DE ABERTURA <i>Carlos Queiroz</i>	19

## I – MISSÃO INTEGRAL

1. A influência do CBE para a minha geração <i>Ed René Kivitz</i>	43
2. A missão integral e os filhos de Issacar <i>Ronaldo Lidório</i>	47
3. Trans-descendência integral do evangelho <i>Carlos Queiroz</i>	51
4. A forma social da igreja cristã ou a cultura da fé <i>Alexandre Carneiro de Souza</i>	55

5. Uma síntese teológica da missão integral <i>Ed René Kivitz</i>	63
6. A tríplice missão <i>Ronaldo Lidório</i>	67
7. Revisão do marco da missão integral <i>Antônio Carlos Barro</i>	73
8. Fé cristã e meio ambiente <i>Marina Silva</i>	91

## II – ESPIRITUALIDADE EM MISSÃO

9. O Deus que desconhecemos <i>Osmar Ludovico da Silva</i>	103
10. Espiritualidade e devoção – a redução protestante <i>Ronaldo Cavalcante</i>	107
11. Missão e espiritualidade <i>Ricardo Barbosa de Sousa</i>	117
12. Parece, mas não é! <i>Ziel Machado</i>	127
13. O verdadeiro poder para proclamar o reino <i>Russell Shedd</i>	137

## III – DESAFIOS DA MISSÃO

14. Sertão, resistência e CBE2 <i>Sérgio Ribeiro</i>	151
15. A necessidade missionária do mundo hoje <i>Antonia Leonora van der Meer</i>	155
16. Sou evangélico. Quem sou eu? <i>Orivaldo Pimentel Lopes Júnior</i>	161
17. O feminino como caminho de espiritualidade <i>Isabelle Ludovico da Silva</i>	165

18. O Brasil e o desafio da evangelização do mundo <i>Antonia Leonora van der Meer</i>	169
19. A arte cristã no Brasil <i>Carlinhos Veiga</i>	177
20. Teologia da missão integral e negritude <i>Marco Davi Oliveira</i>	181
21. Evangelho e negritude <i>Marco Davi Oliveira</i>	185
22. Mulher, vocação e carisma <i>Norma Athayde Boucinha</i>	189

#### IV – ÉTICA

23. A ética e a igreja <i>Ariovaldo Ramos</i>	197
24. A ética no exercício do ministério cristão <i>Eude Martins</i>	207
25. A ética que move o coração <i>Marisa Coutinho</i>	215
26. Os evangélicos e sua vivência na sociedade <i>Alexandre Brasil Fonseca</i>	229
27. Cidadania e responsabilidade social <i>Alexandre Carneiro de Souza</i>	239
28. Ética na política <i>Paul Freston</i>	261

#### V – CONSAGRAÇÃO

29. Proclamando e vivendo o reino de Deus <i>Valdir Steuernagel</i>	269
30. Desafio e consagração <i>Ricardo Gondim</i>	281

## CONCLUSÃO

Carta Jovem de Belo Horizonte	296
Manifesto do Fórum de Lideranças Negras Evangélicas	297
Oração – Ao Deus da Igreja Brasileira	299

# APRESENTAÇÃO

---

NEM BEM havia terminado o CBE2, muitas pessoas já estavam nos perguntando se haveria alguma publicação com os textos e mensagens do congresso. Evidentemente que não se pode traduzir toda emoção e impacto que as palestras e o clima do congresso exerceram em cada um dos participantes. Mas todos nós, envolvidos com a causa da missão integral, sabemos que as repercussões de um evento como esse se fazem ecoar por muitos rincões deste Brasil de nosso Deus – e por muito tempo. Um olhar mais atento neste espectro evangélico demonstrará que alguns dos temas aparentemente tímidos na sua abordagem aos poucos vão tomando conta da agenda e influenciando a geração atual e futura. Outros apontam e sinalizam para outras preocupações muito próprias destes nossos dias e que traduzem as complexidades dos tempos presentes.

Os textos preparados e as palestras proferidas antes e durante o congresso, aqui registrados, são o testemunho do quanto de vitalidade,



inovação e desafio tem caracterizado a caminhada daqueles que, à luz da Palavra e iluminados pelo Espírito Santo, na melhor tradição da Reforma, vivem como testemunhas e profetas num tempo de muitas incertezas e inquietações.

É com grata surpresa, também, que vemos florescer uma nova geração construtora de sua própria caminhada, inspirada por essas lufadas do Espírito e animada pelo testemunho de fé da outra geração, que tem sido pioneira e fiel a esse chamado de uma fé nos moldes da missão integral.

Nesse caleidoscópio que é a igreja evangélica, organizar e realizar um evento de tal magnitude é sempre um desafio e uma tarefa das mais trabalhosas. No entanto, apesar de nós, o Espírito mais uma vez agiu, uniu e permitiu que tal fato se consumasse para o bem do corpo de Cristo no Brasil.

Esta publicação registra o que aconteceu de melhor no CBE2. É fruto de uma parceria entre a Visão Mundial e a Editora Ultimato, que, juntas, querem contribuir para animar uma igreja evangélica que seja relevante e faça diferença ao *proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo*.

Os textos estão organizados de acordo com os enfoques temáticos e, não, na ordem em que as palestras foram proferidas. Pensamos que isso facilitará uma percepção e compreensão mais coesa dos temas abordados.

Nossos agradecimentos a todos os que colaboraram e cederam de bom grado os textos e mensagens para que esta publicação se tornasse uma realidade.

Que o nosso bom Deus, na sua graça e misericórdia, continue a usá-los como já tem feito até aqui.

SERGUEM JESSUI MACHADO DA SILVA  
Novembro de 2004

# PREFÁCIO

---

É IMPORTANTE RECONHECER que entre o primeiro Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE), em 1983, e o segundo, em 2003, ocorreu um extraordinário crescimento evangélico no Brasil, especialmente em seu perfil pentecostal. Passamos de 8 para 26 milhões em 20 anos. Um crescimento de 300%, de acordo com o IBGE. Hoje pensamos com mais profundidade. Atuamos com mais criatividade. A capilaridade nos torna presentes em todo o território nacional, ainda que com menor densidade no sertão do Nordeste. Há brasileiros fazendo missões, bem ou mal, pelo mundo afora. Mas também temos mais liberdade e maturidade para a autocrítica. Nem tudo vai bem com a igreja brasileira – há folhas e há frutos. Mas, apesar de nossas diversidades denominacionais, aceitamos uns aos outros de forma cordial e fraterna. Enfatizamos o que nos une e aceitamos as nossas diferenças. Afinal, somos filhos do mesmo Pai, por meio da cruz do mesmo Cristo, no poder do mesmo Espírito Santo.

No CBE2, o que mais uma vez se destacou foi o nosso profundo compromisso com o evangelho e com Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor. Mas também o nosso amor por nossa terra, nossa gente e nossa cultura. O desejo de praticar a missão integral nos une, de acordo com o modelo de Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo. Também nos une um apego profundo às Escrituras Sagradas, à Palavra. Quem sabe nosso eixo teológico seria missão integral sob o prisma das dialéticas Palavra e Espírito, e espiritualidade e missão.

Aqui me toca, como prefaciador, destacar o ponto central dos documentos que foram escritos para o CBE2, ou que surgiram durante o congresso.

A mensagem de abertura, feita por Carlos Queiroz, presidente do congresso, foi uma magistral reflexão sobre Atos 2, a experiência de Pentecostes, que veio a uma comunidade unida em oração. (Aliás, com a articulação liderada por Ana Maria de Castro Costa, mais de 8.500 pessoas oraram diariamente pelo evento.) O Pentecostes foi uma experiência de acolhimento e inclusão dos excluídos (servos), das novas gerações (filhos) e das mulheres. Todos unidos no encantamento comum com a pessoa de Jesus. Nas palavras de Carlos Queiroz, nós, os participantes do CBE2, como uma comunidade de oração, deveríamos uma vez mais ser tocados pelo Espírito Santo para superarmos nossas fragmentações no caminho de seguir o mesmo Cristo e na prática de nossa missão comum.

Muitos congressistas, eu inclusive, fomos reanimados a seguir o Senhor!

Os textos incluídos neste livro foram reunidos em cinco blocos, de acordo com o assunto principal: missão integral, espiritualidade em missão, desafios da missão, ética e consagração.

## I. MISSÃO INTEGRAL

Nossa teologia de missão integral ainda está por ser elaborada. Temos apenas algumas pinceladas básicas. O que vemos hoje é uma prática riquíssima, ainda por ser sistematizada. Quem sabe isso seja bom – mais prática do que teoria, sendo que esta existe mais em espanhol.

Mas nossas práticas precisam ser avaliadas teologicamente.

Alguns pontos a destacar deste bloco são:

> Missão integral é retornar às “origens e essencialidades do cristianismo bíblico”. Ed René Kivitz articula uma síntese sobre missão integral e afirma que esta teologia evangélica o salvou da prostituição moral, pastoral e teológica.

> Missão integral não é uma tarefa. “É, de fato, a priori, o acolhimento da graça e do amor de Deus, para então, como consequência, se viver o exemplo de vida plena de nosso Senhor Jesus Cristo”, diz Carlos Queiroz.

> Segundo Alexandre Carneiro de Souza, missão integral é tomar consciência dos processos de aculturação de seu discurso e de sua prática. Esta aculturação pode ser legitimizadora ou transformadora daquilo que é socialmente vigente.

> “A missão da igreja é servir ao Cordeiro, com tudo aquilo que ela tem de melhor.” A mensagem de Ronaldo Lidório, baseada em Apocalipse 5.1-14, foi uma das melhores que já escutei em toda a minha vida.

> Uma análise das três organizações para-eclesiais Visão Mundial, Aliança Bíblica Universitária e Fraternidade Teológica Latino-Americana leva Antônio Carlos Barro a dizer que, por meio delas, Cristo “se tem feito presente na terra brasileira”. Ou, em outras palavras, “a face brasileira de Jesus foi enxergada”. Para ele, missão integral é a “apresentação de Jesus Cristo a todos, no poder do Espírito Santo”.

> A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, recorda-nos que missão integral tem preocupação ecológica, porque Deus se preocupa com o ambiente. Para ela, existe uma ordem divina nas Escrituras para defender o meio ambiente e promover o “desenvolvimento sustentado”. Deus não só pediu para “lavar” a terra, mas também para cuidar dela.

## II. ESPIRITUALIDADE EM MISSÃO

Nestes 20 anos temos caminhado significativamente para assimilar a espiritualidade cristã de 20 séculos. Missão integral depende de uma espiritualidade integral. Neste bloco temos a destacar:

> Osmar Ludovico aponta para a necessidade de uma “contemplação silenciosa”, porque “conhecer pela teoria é diferente de conhecer pelo convívio”.

> O protestantismo tende a um “dogmatismo teológico racionalista” ou a uma “secularização cristã relativista”. Mas a “fonte de toda a espiritualidade é a humanidade de Jesus”, diz Ronaldo Cavalcante. A prática do evangelho integral requer tanto devoção como missão.

> No mundo pós-moderno há menos interesse por conceitos abstratos. Ricardo Barbosa afirma que “a missão da igreja hoje é preservar-se como igreja”. Vê, preocupado, sinais de acomodação e de mundanismo na igreja. Teme por nossos jovens. O caminho é o retorno a uma profunda e pessoal comunhão com o Deus triúno da graça, com todas as implicações missionárias que este relacionamento requer.

> Ziel Machado nos oferece uma significativa reflexão sobre o nosso extraordinário crescimento evangélico a partir de uma leitura de Marcos 11.12-19. Pergunta: estamos crescendo em folhas (aparência) ou frutos (realidade)? Ele chama nossa atenção para a praga do protestantismo que é a “mercantilização”, segundo Roberto Campos.

> Como sempre, nosso irmão Shedd nos oferece uma sólida reflexão bíblica. Afirma que “a proclamação do evangelho com poder deve produzir vidas coerentes com o senhorio de Cristo”. Ele afirma que, por um lado, os cristãos não devem esquecer que “o objetivo principal é salvar almas do juízo final”. Por outro, numa citação de F. Jackson, assevera: “A história mostra que a visão de Cristo na cruz tem tido mais poder para suscitar compaixão com os que sofrem indignação contra a injustiça, do que qualquer outra figura da história”.

### III. DESAFIOS DA MISSÃO

No primeiro CBE o assunto era “ir”. E missionários brasileiros foram pelo Brasil e pelo mundo afora. Agora também é importante perguntar: O que aprendemos com a nossa experiência missionária? Aonde ainda não fomos? Estamos prontos para aprender também com os nossos fracassos?

> De todo o território nacional, o sertão é a parte mais resistente ao evangelho. Ou é a igreja evangélica (“mercantilista”) que é mais resistente ao sertão? – pergunta Sérgio Ribeiro. “O problema é que a igreja não apenas resiste em ir, mas, quando vai, vai mal preparada”.

> Hoje sabemos que não importa somente ir, mas ir de forma preparada, não apenas intelectualmente. “Missionários imaturos, enviados sem preparo para campos de risco, podem causar muitos problemas para a obra missionária”, diz Antonia Leonora van der Meer (Tonica). Temos deixado missionários sem apoio em situações críticas... que voltam arrebatados.

> O que significa ser evangélico? Orivaldo Pimentel Lopes Júnior responde com um tripé: significa buscar a unidade, praticar a missão integral, viver a partir de um biblocentrismo.

> O Brasil é um celeiro de missões. Mas “também temos levado nossa fraqueza ao campo missionário: pouca formação, pouco caráter e pouco apoio”. Precisamos de “mais humildade, mais adaptabilidade, mais discernimento, mais fidelidade à Palavra e ao nosso modelo Jesus Cristo”, diz Tonica no seu segundo texto.

> Carlinhos Veiga lamenta o impacto negativo da globalização sobre o que é nosso, como a invasão *gospel*. Afirma que a igreja brasileira precisa de artistas cristãos engajados “no resgate da (nossa) arte como veículo para o cumprimento da missão da igreja”.

> Em duas contribuições, Marco Davi Oliveira lamenta que a missão integral ainda não tenha refletido sobre a negritude, que representa 40% da população nacional. Falta uma teologia, uma hermenêutica e uma eclesiologia do excluído, do negro. “A igreja tem se omitido como se a exclusão, o racismo não fossem problema seu”. (Nota: tivemos índios no plenário, mas não na plataforma. Estarão no CBE3?)

> Norma Athayde Boucinha lamenta a ausência da problemática e da perspectiva de gênero (da mulher) em nossa reflexão teológica. Uma prática libertadora envolveria: arrepender-se das estruturas patriarcais das igrejas, abrir-se à espiritualidade feminina, praticar a reciprocidade de auto-afirmação e comunhão, e recuperar a dimensão da beleza na teologia.

#### IV. ÉTICA

O CBE2 decidiu abordar a problemática da ética de nossas igrejas e líderes evangélicos. Temos mais consciência hoje que parte do problema somos nós mesmos. Um cristianismo sem ética é um fracasso.

> Em uma autocrítica sobre o evangelicalismo nacional, Ariovaldo Ramos não apenas aponta nossas mazelas, mas também, no fim do seu texto, oferece-nos uma importante agenda de trabalho que uma comissão de continuidade deve considerar seriamente.

> Eude Martins, em uma reflexão tanto inspirativa como crítica sobre o comportamento pastoral, afirma que, entre nós, não cresceu apenas o trigo, mas também o joio. “Pouco adianta aprimorar métodos sem aprimorar o caráter”.

> Segundo Alexandre Brasil Fonseca, o crescimento dos evangélicos brasileiros entre 1980 e 2000 foi de 10% em termos da população nacional. Numericamente foi uma explosão de 300%. Hoje somos três vezes mais do que no primeiro CBE. Qual é o papel dessa minoria significativa? Chegaremos ao platô de crescimento nesta década? Como se trabalha essa explosão responsabilmente? São as perguntas que se impõem. Mas o grupo que mais cresceu foi o sem-religião. Estaríamos presenciando princípios de secularização real?

> Paul Freston lamenta que “a fama dos evangélicos na política é péssima”. Vê com clareza que temos problemas na política porque temos problemas em nossas igrejas e ministérios. (Paul pensa que chegaremos a, no máximo, 35% da população nacional, o que nos tornaria uma minoria expressiva.) O que se faz necessário é a construção institucional na área política, com articulações internacionais em todos os níveis.

#### V. CONSAGRAÇÃO

A linguagem quase sempre usada no CBE2 foi inspiradora e animadora, mesmo quando crítica. As duas mensagens que fecharam o congresso foram articuladas nesse tom:

> Valdir Steuernagel, baseado em João 5.1-15, afirma que tudo o que Deus quer nos dizer é: “Meu filho, minha filha, enraíze sua vida no meu coração e sirva à sua geração”. A igreja deve superar o seu auto-encantamento e o encantamento com seu presumido poder espiritual. “A igreja não pode deixar de ser a igreja da Palavra”, como não pode deixar de ser uma igreja missionária a caminho de Betesda.

> O fecho do congresso foi a memorável mensagem de Ricardo Gondim sobre 1 Timóteo 2.1-9. “Para alcançar o Brasil, precisamos de Bíblia na mão, paixão na cabeça e fogo pentecostal no coração”, afirma. Ele também pergunta e responde: o que se faz necessário neste novo século? Uma espiritualidade que nos *teomorfize*; mais teologia da graça; piedade com capacidade, mas piedade primeiro; e mais ênfase no custo, e não só nos benefícios do evangelho.

Concluindo, eu diria que a leitura destes textos nos anima a amar o nosso Senhor e a sermos mais parecidos com Ele; a amar este nosso país, com suas belezas e mazelas; a amar o seu corpo, fazendo a crítica a partir de dentro; a pautar nossas vidas por um projeto de missão, a partir do modelo Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo.

No encerramento do CBE2, os congressistas tiveram o privilégio de reconsagrar suas vidas a esses propósitos, participando da Ceia do Senhor. Existe nos textos uma implícita agenda para o futuro, sobre a qual os continuadores da caminhada devem ponderar. Temos lacunas a cobrir. Mas, para mim, como para a maioria das pessoas que viveram o CBE2, esse foi um tempo de repensar e de reafirmar nossos compromissos fundamentais com o evangelho, o bem maior que temos para nós e para o nosso povo.

MANFRED GRELLERT  
 Novembro de 2004



# PALAVRA DE ABERTURA

---

PARTICIPO DO SEGUNDO Congresso Brasileiro de Evangelização com profunda alegria, mas, ao mesmo tempo, com um sentimento de temor e tremor, por ter assumido a responsabilidade de trazer a palavra de abertura. Tomo a liberdade de abrir as Escrituras Sagradas, não somente para ler o texto para nossa reflexão, mas também como gesto simbólico e público do quanto estamos dispostos a ouvir e obedecer à Palavra de Deus falada aos nossos corações durante estes dias, no poder do seu Espírito. Trago comigo a esperança de que nossas vidas e ministério serão revitalizados diante da chance que nos é proporcionada de reencontro com preciosos irmãos e irmãs do corpo de Cristo no Brasil.

Entre alguns amigos com quem tenho conversado, encontro indícios de que todos trazemos boas expectativas. Nossas mentes estão como que batizadas de novos sonhos e aspirações. Teimamos em ser uma geração que, de alguma forma, sinaliza a vida de Jesus Cristo na história,

procurando fazer alguma diferença significativa à luz dos valores do evangelho. Acredito que faremos diferença relevante se formos marcados pela vida de nosso Senhor Jesus Cristo, se vivermos movidos pelo poder do Espírito Santo e se acolhermos de coração aberto, de peito dilatado toda vontade soberana de Deus.

Convido você para abrir comigo a sua Bíblia em Atos 1.14 e 2.1-36. Vou tratar de alguns versículos isolados, que, presumo, podem inspirar o contexto e estabelecer algumas pontes para a nossa experiência nestes dias de encontro. Que sejamos atraídos e cativados pela Palavra de Deus e tenhamos ao mesmo tempo sensibilidade para perceber a sua comunicação conosco. Penso que isto depende de como estão os olhos e ouvidos do coração.

Leiamos Atos 1.14 e 2.1-36:

Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele. [...]

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer? Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!

Então, se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse Ele retido por ela. Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disto, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.

Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Os principais especialistas estão de acordo que Lucas e Atos compõem uma mesma obra construída em duas partes (ver Lc 1.1-4 e At 1.1,2). Pedro é o personagem mais evidente nos capítulos de 1 a 12; do mesmo modo que Paulo é o mais presente nos capítulos de 13 a 28. Mas, os atos em evidência são atos do Espírito Santo por meio dos apóstolos. O Espírito Santo é protagonista neste livro, tanto quanto Jesus Cristo o é nas narrativas dos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João).

Entendendo que os livros de Lucas e Atos façam parte da mesma obra, havemos de ressaltar Jerusalém como ponto de partida na ótica do narrador. O narrador começa falando do anúncio e nascimento de João Batista, tomando como cenário o santuário em Jerusalém (Lc 1). Depois de oito dias do seu nascimento, Jesus foi levado para ser consagrado no templo em Jerusalém (Lc 2.22). Aos 12 anos, se desencontra dos pais após uma festa pascoal em Jerusalém e é encontrado aí ensinando aos doutores da lei (Lc 2.41-46). Na narrativa da tentação, o pináculo do templo em Jerusalém é insinuado como um lugar estratégico para Jesus mostrar sua fama e prestígio (Lc 4.9,10). Na ótica do narrador, é em Jerusalém que se dão os grandes acontecimentos do ministério de Jesus. Ele determina em seu coração ir a Jerusalém (Lc 9.51). Os acontecimentos se estendem até o capítulo 19. Em Jerusalém, Jesus foi negado por Pedro, traído por Judas e, finalmente, crucificado. Diferentemente das outras narrativas, em Lucas os discípulos são animados a permanecerem na cidade de Jerusalém (Lc 24.49). O narrador termina a primeira parte (Evangelho de Lucas) de sua obra fazendo uma ligação para se entender a segunda parte (Atos). Ele fala do anúncio de perdão dos pecados para todas as nações, *começando em Jerusalém* (Lc 24.47).

Jerusalém é mais do que um espaço geográfico; é símbolo sagrado dos eventos iniciados aí. Jerusalém é ponto de parada – não saiam, até que do alto recebam o Espírito Santo (At 1.4,5). O elemento sagrado não é a cidade em si mesma, mas o gesto humano de parar. Jerusalém é também ponto de partida – “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8). É o

referencial de onde se pode olhar para o caminho a ser seguido: Judéia, Samaria, confins da terra; Roma, inclusive.

Jerusalém é símbolo do judaísmo representado por Pedro, confrontado e, ao mesmo tempo, estrategicamente reconciliado com os gentios, acolhidos e abraçados por Paulo, figura representativa e fundamental da missão entre os gentios (Ef 2.11-22; Gl 2.1-16). Paulo era judeu com cidadania romana e, talvez por essa condição, mais aberto ao mundo gentílico.

Resumindo: No templo em Jerusalém, João Batista foi anunciado; aí Jesus foi apresentado e aí se iniciou o seu ministério; nessa mesma cidade, morreu e ressuscitou. Em Jerusalém, a primeira comunidade de discípulos permaneceu aguardando o cumprimento da promessa do Espírito Santo para, então, contagiar pelo testemunho outros povos e nações. Belo Horizonte, porventura, não tem sido esse lugar de parada? Aqui nos reunimos em 1983. Vinte anos depois, voltamos para ver coisas acontecendo; algumas, como desdobramentos do primeiro CBE, outras, por iniciativas várias. Seja como for, temos motivos de celebração, confissão, arrependimento, e grandes desafios. Este é um momento de parada para consagração e reflexão, e partida em missão.

## UMA COMUNIDADE UNIDA EM ORAÇÃO

O texto lido começa dizendo que a comunidade ligada a Jesus Cristo (seus seguidores e familiares) perseverava em oração. Se dermos uma olhada na conexão da primeira narrativa de Lucas e a continuação do livro de Atos, vamos perceber que aquela era uma comunidade atingida por muitas perplexidades. Primeiro, a inesperada crucificação de Jesus Cristo, que, por mais que tivesse sido anunciada, parece não ter sido entendida. O sentimento de orfandade expõe os discípulos ao medo e insegurança, ainda que, animados por lampejos de esperança – havia informações a respeito da ressurreição de Jesus Cristo, mas tudo parecia ainda muito nublado. Não conseguiam entender os ensinamentos e preconizações anunciadas desde os profetas a respeito da ressurreição de Jesus. Quando o narrador faz a descrição dos dois discípulos no caminho de Emaús, diz que Jesus os chamou de néscios e tardos de coração (Lc 24.25).

Era uma comunidade sem rumo previamente estabelecido. No seu início, seus componentes precisavam de “cara ou coroa” para escolher os líderes (At 1.26), tal era a indefinição do perfil proposto e a falta de entendimento dos ensinamentos de Jesus entre eles. Era uma comunidade pressionada pela perplexidade diante de circunstâncias aparentemente ambíguas e contraditórias. Diante de um comando do Cristo ressuscitado resolveram obedecer. A ordem era parar em Jerusalém até que fossem revestidos de poder (Lc 24.49). Aliás, na narrativa de Atos, tudo acontece sob a inspiração ou movidos por uma iniciativa de oração. Aquela não era uma comunidade em busca de milagres ou resultados pragmáticos de seus serviços. Se havia uma tarefa a ser desfrutada era a tarefa da oração; as demais coisas aconteciam. Até porque, para eles, oração era um estilo de vida, um modo de ser em comunhão com Deus – as demais coisas vinham como desdobramento disso.

A mobilização feita para que pessoas estejam orando pelo CBE2 tem alentado a minha alma e despertado em mim profunda esperança. É importante anunciar que, pela dedicação da Ana Maria, coordenadora da Comissão de Intercessão pelo CBE2, não menos do que 8.500 pessoas (homens, mulheres, crianças e adolescentes) estão orando por este congresso. Pessoas já envolvidas antes de estarmos reunidos aqui. Estou falando de números pessimistas; na verdade, a mobilização é muito maior. Mas, sendo realista, temos aí a constatação de muitas pessoas engajadas em oração para que este evento seja abençoado por Deus. Dois dias antes de chegarmos aqui, mulheres já se encontravam neste lugar com seus joelhos dobrados, pedindo a bênção do Pai, sua infinita graça, a inspiração do Espírito Santo para que as coisas pudessem acontecer sob o mover da soberania de Deus. Temos orado para que todos nós sejamos inspirados pela vida de nosso Senhor Jesus Cristo, para que o Espírito Santo tenha pleno acesso e controle de nossas vidas nestes dias.

O texto de Atos 1.14 diz que eles perseveravam unânimes em oração. Creio que estavam ainda inspirados na vida e modelo ministerial de Jesus Cristo, porque é assim que aconteceu em toda a vida e história de nosso Senhor Jesus. Guiado pelo Espírito Santo, passou no deserto 40 dias e 40 noites em oração. Entendo este evento como fato real, mas

suponho que tanto Lucas quanto Mateus relatam-no como ilustração da permanente, profunda e comprometida vida de oração de Jesus Cristo. Ele vivia em permanente contato e comunhão com o Pai, desfrutava de amizade paterno-filial e da mais profunda intimidade. Seu modo de viver, sua espiritualidade anunciavam uma nova forma de contato íntimo com o Pai sem burocratização litúrgica. Na narrativa de Lucas, Jesus, antes de escolher seus discípulos, fora a um lugar deserto, espaço de solitude (Lc 4.42). Marcos descreve essa busca como um lugar deserto, um momento de oração (Mc 1.35-39). Diante do sofrimento, da angústia e da percepção do Calvário, pôs sua vida sob o cuidado de Deus e rogou: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42). No maior conflito da existência, no espaço agonizante do Calvário, transformou o lugar de morte num surpreendente jardim de intercessão – intercedeu por seus algozes, abençoou um dos ladrões. Transformou o Calvário num ambiente onde se pode ouvir, ver, sentir e decodificar melhor o amor de Deus. A partir do Calvário, pode-se escrever melhor sobre uma teologia da salvação. Somente aí compreendemos melhor o significado do amor e da misericórdia de Deus. Somente no Calvário, depois da passagem de Jesus por lá, sabemos o que significa perdão e reconciliação.

A igreja em Jerusalém, inspirada e marcada pela vida de Jesus, começou sua missão monitorada pela graça e poder do Espírito Santo. Movida pela vida de nosso Senhor, pára, e pára em oração. Pára em oração porque é a partir da oração que podemos buscar outros códigos transcendentais. É na oração que podemos sair da rotina. É na oração que temos a possibilidade de conhecer outra história, novas estratégias. Novos paradigmas desintoxicados dos vícios e repetições dos costumes culturais, às vezes culturais.

Na oração, Moisés, em contato com Deus, percebeu que era possível tirar o povo do Egito, arrancá-lo da opressão, do trabalho forçado, da pressão do Império, da rotina perversa de uma grande cidade. Moisés convocou o povo para estar em adoração, em momento de ócio com Deus no deserto. No espaço onde eles poderiam abrir a alma, abrir seus sentimentos, sem agenda própria – uma ambiência em que pudessem adorar a Deus com liberdade, clamar, construir caminhos e alternativas

libertadoras, confessar e sair do pragmatismo, da rotina em que todos eles estavam inseridos.

Neemias descobriu estratégias alternativas para reconstrução de sua nação, depois de muito refletir, jejuar e orar (Ne 1.14). A partir da descrição feita por Hanani, ele viu nova possibilidade de reconstruir a história do seu povo.

Quero priorizar um desafio: que todos vivamos esses dias movidos pelo espírito de oração; esta é uma decisão inegociável. Que possamos acolher nesses dias a chance de abraçarmos e sermos abraçados por Deus, em oração. Estamos num ambiente de paisagens belas, ambiente gostoso e cativante. Quem sabe, ainda que encantados com a presença de tantas pessoas, possamos desfrutar de momentos de nossa solidão, de encontro com Deus no deserto, encontro com Deus no porão de nossa alma; encontro, cada um de nós, de si mesmo no deserto. Falo do deserto como geopolítica da alma, onde nos tornamos capazes de vencer todas as tentações de poder, fama, prestígio, todas as tentações de acumulação de bens, porque é exatamente aí – no deserto do coração, na solidão – que descobrimos o quanto é desnecessário representar. E, quem sabe, nessa experiência de oração, no lugar secreto, no *tameion* (quarto subterrâneo), esse lugar onde só as pessoas mais íntimas podem entrar conosco – sim, é aí – só você e Deus conversando sobre sua vida, sobre a igreja brasileira, sobre a história deste país; possivelmente, falando das suas limitações, suas dores e aflições, e colocando também diante de Deus essa possibilidade de que Ele, na sua graça, no seu poder imenso, venha abençoar o nosso coração, todo o nosso ser e, conseqüentemente, nosso ministério.

Temos na oração a chance de nos descobrir, de sermos ouvidos por Deus enquanto escutamos a nós mesmos. Creio que é a partir dessa autodescoberta, do amor a si mesmo, que seremos capazes de abraçar melhor uns aos outros, acolher uns aos outros em amor. Quem sabe, a partir da oração vamos denunciar todas as nossas limitações, confessar os nossos pecados. É a partir da oração que temos a chance de desnudar a alma diante do Pai acolhedor, amoroso e misericordioso. Na oração damos a nós mesmos a chance de ser invadidos pela presença e pelo poder de Deus. Na oração, ficamos mais sensíveis a ouvir a voz de Deus



e a perceber a sua revelação nas mais diversas e criativas formas. Portanto, quero desafiar e animar a todos a estarmos caminhando em oração, almoçando em oração, compartilhando em oração, participando de todos os momentos em oração. “Diariamente perseveravam unânimes no templo [em oração]” (At 2.46).

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2.1).

Naturalmente, todos no mesmo espaço não significa dizer que todos estão *re-unidos*. A aproximação geográfica nem sempre une, do mesmo modo como a distância geográfica nem sempre separa. Todos temos amigos e amigas muito especiais e não há distância geográfica que consiga nos separar. Todavia, por outro lado, o espaço geográfico é uma oportunidade para o abraço, para o aperto de mão; quando estamos no mesmo lugar, o brilho dos olhos comunica mais facilmente, a expressão facial conversa mais do que palavras, a afetividade se aflora na pele. Estando no mesmo lugar, descobrimos o quanto estávamos distantes uns dos outros e necessitados de apoio e companheirismo.

Quando o texto diz que eles estavam reunidos no mesmo lugar, acredito na solidariedade instalada em meio à orfandade e desalento. Podiam desfrutar de abraços e afetividade, estabelecer chances de reconciliação, oportunidades para renovação de alianças com Deus e com as pessoas. Quando estamos no mesmo espaço geográfico, precisamos socializar melhor cada centímetro do lugar. Não há como permanecermos no mesmo lugar sem distribuição justa dos espaços de poder. Estar falando num palco e vocês em outro patamar, apenas ouvindo, não é a mesma coisa que estarmos no mesmo lugar. Nossos rompimentos começam quando estabelecemos fronteiras simbólicas, e, depois, limites geográficos. Neste sentido, penso que os membros do clero falham quando o púlpito é somente deles. Falo do púlpito como direito de vez e voz – lugar de acesso a poucos nos ambientes religiosos. O lugar do clero consagrado, profissionalmente reconhecido, que, geralmente, exclui o povo de Deus (*laos*), leigos ou os ignorados das classes dominantes. Sobre a comunidade presente no dia de Pentecostes se diz:

Estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam

assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. (At 2.1-4)

Quando o lugar é socializado de maneira justa todos desfrutam dos benefícios da vida e das benesses de Deus. No acontecimento em estudo, houve uma identidade coletiva caracterizada pela comunicação. O Espírito Santo une, consolida; enquanto as estruturas desumanas dividem, segmentam o povo para fragilizar sua força. No Brasil, além de outros fatores, temos sido fragilizados pela fragmentação e segmentação denominacional.

De repente, uma surpresa: outra manifestação sobrenatural. A minha vertente pentecostal me faria ficar retido aqui nos versículos 1 a 4, por causa do fenômeno da *glossolalia*. Mas quero ir até o final deste primeiro bloco, quando o texto diz o seguinte:

Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer? (At 2.7-12)

“Que quer isto dizer?” Esta pergunta está diante de outra anterior: “Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” A descrição desse texto diz que eles estavam reunidos com povos de etnias diferentes, grupos de culturas diversas, pessoas de dialetos e idiomas diferentes. Mas, impressionantemente, conseguiam se comunicar. O milagre no ambiente não era o fato de que eles não se entendiam a despeito de serem tão diferentes; o milagre era que eles se comunicavam bem: “Como os ouvimos falar, em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?”

Sofisticando um pouco a linguagem, é como se eles tivessem dizendo: “Como podemos interpretar a grandeza de Deus percebida pelo outro

a partir de nossos códigos matriciais?” “Como podemos perceber o que Deus está fazendo na vida de outras pessoas?” É claro, vamos entender sempre a partir da nossa “língua materna”, a partir dos nossos códigos matriciais. Não há como se entender a partir dos códigos do outro. Só entenderemos uns aos outros quando, de fato, estivermos no mesmo lugar. Procurando fazer a leitura na ótica do outro. Claro que o fato mais marcante no Pentecostes foi a ação soberana do Espírito Santo. Com a presença dele, a comunicação flui através dos olhos, flui através da palavra, a comunicação flui através da afetividade e sentimentos. Precisamos perguntar por que no Brasil, ainda que falando o mesmo idioma, estamos tão divididos em vários cristianismos, tão distantes uns dos outros. Será que não estamos precisando, porventura, de um mover do Espírito Santo sobre nossas vidas? Quem sabe, assim possamos nos comunicar e entender melhor uns aos outros? Que indicam as experiências religiosas por que temos passado em nosso país? Revelam que estamos vivendo um cenário confuso e divisionista como o da Torre de Babel, ou que estamos passando por uma experiência mais próxima do Pentecostes?

No dia de Pentecostes, houve o milagre do acolhimento, da possibilidade de comunicação, de entender o outro a despeito de etnias, dialetos ou idiomas tão diversos. Quando há o mover do Espírito, a manifestação da presença Deus, quando a graça de Deus invade seres humanos, há muito mais sensibilidade para o acolhimento e possibilidade de se entender o outro; não apenas pela linguagem racional, mas por essas dimensões sentimentais; por esses códigos profundos da alma e do coração.

Eles entendiam..., mas, entendiam o quê? Sobre o que falavam?

Falavam sobre as grandezas de Deus. Tudo indica que muitos falavam e todos entendiam – cada um em sua própria língua materna. Entre todos os que falavam, o escritor convida Pedro para explicar o fenômeno que presenciavam. Ele assume uma posição de destaque entre os demais:

Então, se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vinde pensando, sendo esta a terceira hora

do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. (At 2.14-18)

É interessante observar algumas peculiaridades na descrição de Pedro:

1. *Percebe-se uma tentativa de explicação racional da experiência sensitiva.*

Um homem do povo ergue a voz. Procura decodificar racionalmente o fenômeno subjetivo e *transcendente*. Ele começa descartando algumas constatações precipitadas: “Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados” (v. 13). A nossa inteligência é suficiente para averiguar que ninguém fica bêbado em tão pouco tempo (v.15). Na procura de uma porção bíblica, Pedro considera o texto do profeta Joel (v. 16-21), o mais adequado para explicar o que estava acontecendo. Vasculha porções dos Salmos (v. 25-28; 34-35). Assim, revela a teologia que construiu entre experiências sensitivas – profecias, visões e sonhos – e um mínimo confiável de explicação inteligente dessa mesma experiência. Essa interpretação “racional” da manifestação subjetiva vai conceder ao cristianismo, enquanto religião, uma natureza sempre evolutiva e transformadora, a potencialidade de ir desenvolvendo uma espiritualidade integral desfrutada no campo da fé sob o parecer avaliativo da razão.

2. *Evidencia-se a inclusão dos não reconhecidos e excluídos na sociedade.*

Uma espécie de reafirmação da popularização do projeto de Jesus Cristo. A inclusão do povo de Deus – “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1 Pe 2.9). “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão... até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito”. Os grupos não oficiais, os fora dos esquemas institucionalizados, as classes subalternas, desfrutam da presença de Deus. Palavra de Deus que se manifesta não somente pelos legitimamente reconhecidos nos espaços religiosos: “vossos filhos e vossas filhas profetizarão”. Pedro usa o texto de Joel para fazer referência aos filhos e filhas dos povos representados naquele dia. A promessa é

para os que ainda estão longe, diz ele. Palavra de Deus anunciada “até pelos meus servos e minhas servas”. Creio que Joel e Pedro estão falando literalmente de escravos e escravas, daqueles que não possuem *status*, dos homens e das mulheres que, na hierarquia social, não encontram ninguém que lhes seja subalterno. A nova comunidade não é “para o povo”; é “do povo”, e, preferencialmente, no “modelo do povo”.

Hoje é muito difícil definir se o ministério é uma questão de vocação ou se é uma grande tentação de controle ou manipulação do povo. Um grande negócio ou uma oportunidade de serviço com o povo? Enquanto os modelos religiosos propõem uma troca de serviços clericais ao povo, Jesus liberta o povo para um serviço solidário e interdependente. Com o intuito de quebrar a dominação dos sacerdotes e sua instituição em relação ao povo, os reformadores criaram o lema do “sacerdócio universal de todos os santos”. A idéia parece ter sido: todos podem ser sacerdotes e desfrutar do livre acesso a Deus. Não percebiam o livre acesso criado por Jesus Cristo para todo o povo. Presumo que, em nosso contexto, precisamos propor uma “desclericalização” – uma espécie de *plebelização universal de todos os sacerdotes*. É mais bíblica e mais fácil a inclusão dos sacerdotes entre a plebe do que a inclusão da plebe entre os sacerdotes. Jesus Cristo foi mais identificado como plebeu de Nazaré, do que como um Sumo Sacerdote. O Filho do homem tem acesso ao Pai, não por conta de esquemas e burocracias religiosas, mas por sua santa humanidade, sua intimidade profunda e porque Ele mesmo se permite permear de toda a bondade, de toda a graça, sendo assim, ao máximo, divino e humano. Fez-se humano, assumiu a figura de servo, suportando as torturas e penitências destinadas aos servos. (Fp 2.5-11). Não é novidade que aos servos e servas sejam destinadas as graças do evangelho.

### 3. *Evidencia-se a inclusão de gerações diferentes.*

“Vossos filhos e vossas filhas... vossos jovens... e vossos velhos.”

Uma indicação de que as gerações futuras também são responsáveis pela tarefa na qual todos estamos envolvidos. Quem sabe os nossos velhos e os vossos jovens. Perdão, mas não tem jeito. Não há como não me lembrar do meu velho pai, que estava conosco no CBE, em 1983. Em se tratando das atividades na igreja, ele dizia: “Meu filho, uma igreja só

é igreja relevante e boa quando ela é puxada por um ‘boi velho’ e por um ‘boi novo’”. Ele se referia à sua experiência na zona rural, com bois puxando o arado. Ele dizia que, quando dois bois novos puxam um arado, eles saem quebrando tudo – em geral, têm muita força, mas pouca noção de rumo – quebram e destroem toda a plantação que já fora feita. Ele explicava que, quando dois bois idosos puxam um arado, eles têm direção, mas pouca força – o arado não sai do canto. Creio que, por causa dessa percepção, eu ia inventando as coisas, e ele, dando a direção. A dificuldade que eu tinha, era que ele, mesmo com idade já avançada, parecia boi novo, muito mais novo do que eu. Tinha uma disposição, uma garra, um ânimo pra vida, invejáveis!

O texto que estamos enfocando está dizendo que nós precisamos dar uma olhada na história. É o que o jovem Pedro está fazendo. Ele vai buscar o profeta Joel, e traz o profeta antigo para interpretar o evento à luz dos seus escritos no passado. Estamos numa longa jornada, uma maratona com passagem de bastões. Pedro continuava o mesmo: ousado, intempestivo; a diferença estava na revelação recebida e na lucidez com que interpretou os acontecimentos.

O texto indica que nós precisamos descobrir essa forma de ser igreja inspirada e avaliada pelo passado. Ser comunidades aprazíveis com pessoas de cabelos brancos. Espaço para mulheres e homens idosos, na mais fraterna convivência com crianças, adolescentes e jovens. Essa dinâmica da heterogeneidade do corpo de Cristo precisa ser desfrutada, primariamente, numa área tão básica que é a unidade na diversidade das gerações. Pedro estava falando das grandezas divinas, e, entre as grandezas manifestas de Deus, ele pontua dois grandes milagres: os jovens terão visões e os velhos sonharão. Movidos pelo Espírito Santo, os jovens terão visões – experiência, em geral, comum aos idosos; os velhos terão sonhos (esperanças) – experiência, em geral, comum aos jovens.

#### *4. Evidencia-se a inclusão dos gêneros – homens e mulheres.*

“Vossas filhas,... vossas servas”.

Mesmo diante de arquétipos culturais machistas, tanto Joel quanto Pedro são induzidos pela subjetividade a fazer afirmações subversivas à cultura. O Espírito será derramado sobre todos – homens e mulheres.

As filh(as), as serv(as) não são parênteses na história. Do mesmo modo como o Espírito não fará discriminação racial, nem de gerações, nem de estratificações sociais, também não fará discriminação de gênero. Nas narrativas dos quatro evangelistas e no Pentecostes, estamos diante de um “DNA” criterioso. Um modo de ser comunidade de Jesus Cristo. As demais formas de estruturação do cristianismo institucional precisam ser permanentemente avaliadas. Diante da cultura clerical, até mesmo em alguns lugares onde se reconhece o ministério das mulheres, parece existir, em algumas situações, um tipo de indução inconsciente para a masculinização do “ser feminino”, a fim de facilitar a sobrevivência na cultura clerical. Que o Espírito maternal do Pai derrame-se sobre os filhos e filhas, sobre os servos e servas, durante estes dias de encontro.

*5. Percebe-se a fascinação e o encantamento pela pessoa de Jesus Cristo.*

O narrador descreve Pedro encantado por Jesus, o Nazareno. O apóstolo continua fascinado com a história e vida de Jesus Cristo. Após descrever rapidamente as profecias de Joel, ele diz:

Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis. (v. 22)

Por onde tenho andado encontro pessoas perguntando que tipo de liderança as nossas comunidades precisam ter, e de que maneira desenvolver essa liderança. Que modelos de liderança devemos estimular? Continuo acreditando no estilo de Jesus Cristo. Acredito que Jesus de Nazaré se deu bem na época em que viveu, se daria bem na Idade Média, na sociedade moderna e na pós-moderna. Jesus vivia a partir de paradigmas, valores e princípios duradouros; vivia a partir de sinais conectados com a vida e com Deus. Jesus seria capaz de viver bem e ser o que foi em qualquer época. Naturalmente entendo, por exemplo, que, se Ele viesse à cidade de Belo Horizonte, provavelmente não viria montado num jumentinho, mas presumo que procuraria um tipo de transporte que tivesse os mesmos sinais e as mesmas indicações de singeleza e coerência com a sua mensagem.

Eles estavam fascinados com Jesus de Nazaré. Estavam ainda visitados pelo encantamento prazeroso da criança da manjedoura. Permitiam-se animados com o fato de que o Jesus nascido de um casal muito simples, o filho de Maria e José, ainda causava encantamento, esperança e consolação em suas vidas. Segundo a narrativa de Lucas, pastores ouviram cantos angelicais anunciando o nascimento da criança na manjedoura, ouviram sobre paz na terra entre os homens e adoraram a Deus. Experiência semelhante foi narrada por Mateus, referindo-se aos magos do Oriente. Todas as narrativas vão sendo elaboradas intencionalmente para anunciar o quanto apreciavam e reconheciam a divindade de Jesus Cristo.

De maneira muito singela anunciam seu modo de ser, dizer e fazer manifestar os sinais do reino de Deus. Permaneciam deslumbrados com a vida de Jesus Cristo. Por isso, eram cativados por Ele, não somente para embelezamento do tema de suas mensagens, mas, acima de tudo, para formação essencial do caráter de todos eles, e reconhecimento e submissão plena ao senhorio de Jesus Cristo sobre todas as coisas.

Além de vários milagres, manifestações sobrenaturais, os evangelistas registraram eventos pitorescos e por demais simples, vividos por Jesus. Diante das disputas de poder, e no momento em que os discípulos começavam a discutir sobre quem era o maior entre eles, o Mestre simplesmente tomou uma criança no colo e os desafiou a se tornarem como uma criança. Se observarmos atentamente as narrativas de João e Lucas sobre este episódio, vamos perceber que, provavelmente, ele aconteceu exatamente antes da ocasião em que Jesus tomou uma bacia com água, uma toalha, e lavou os pés aos seus discípulos. Enquanto eles se desgastavam na concorrência de poder, prestígio e fama, Jesus lhes ensinava que a vida tem outros centros mais interessantes que precisam ser desfrutados.

Fico maravilhado com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Ele poderia ter escolhido uma carruagem, e, assim, esnoabar poder e toda a sua fama. Mas não é isso que acontece. Os fatos antecedentes eram um “prato cheio”, se Ele apreciasse mostrar-se esnobe. Na descrição do Evangelho segundo João, isso acontece depois da ressurreição de Lázaro; em Marcos, Lucas e Mateus, a entrada triunfal é narrada depois da cura do



cego de Jericó (Mateus fala de dois cegos – Mt 20.29-34). São eventos inusitados. Jesus poderia tirar proveito da situação. Seu meio de transporte poderia ser mais “adequado” – de fato, foi mais adequado ao projeto anunciado pelo seu estilo de vida. Jesus teve uma idéia fantástica. Orienta seus discípulos a trazerem um burrico. Eles irão encontrar o animal amarrado numa cerca, e devem desamarrá-lo. “Se o dono perguntar alguma coisa, falem somente que eu preciso do animal” – disse Ele. Eles trouxeram o jegue. Gosto da descrição de Lucas, talvez, por conta de minha irreverência. Lucas diz que os discípulos ajudaram Jesus a montar no jegue (Lc 19.35). Eu imagino que esse tipo de apoio, tenha sido necessário porque o jegue, sendo ainda jovem, arisco e cheio de força, provavelmente escaramuçou o quanto pôde. Qualquer outro personagem, o cenário, tudo indica, atrairia a multidão muito mais para fazer um coro de vaias do que uma celebração. Mas, espontaneamente, as pessoas começam a tirar suas vestes, cortam galhos das árvores, e vão clamando em alta voz: “Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor!”

Sabe por quê? Quem tem consciência da identidade, quem tem consciência de que é o Filho de Deus, quem tem a certeza de que é o Messias, não precisa de nada mais para impressionar – apenas um jegue é suficiente para que todos saibam que Ele é o Filho de Deus.

Marcos o descreve de uma forma muito simples: Jesus de Nazaré, o carpinteiro, irmão de Tiago, José, Judas e Simão. O evangelista faz referência, ainda, às irmãs de Jesus. Que descrição mais natural, coloquial e comum entre a plebe! Seus atos, milagres e mensagem são dignos de nota, mas Ele tem em sua essência o encantamento da Vida. Seus seguidores estão deslumbrados com as últimas experiências; passaram a compreender melhor todos os acontecimentos, e, mesmo recebendo apenas revelações parciais, elas são suficientes para dar continuidade ao “movimento” que irá contagiar homens e mulheres sensíveis à voz de Deus.

Diante de todas as tentações diabólicas, na hora em que foi tentado a mostrar poder e fama (Mt 4.1-10), supera, vence o diabo pelo poder da Palavra de Deus. A solidão no deserto pode ser aproveitada como exercício e avaliação, para vencermos as tentações nos espaços públicos, onde, em geral, todos precisamos representar e mostrar que somos alguma coisa.

Diante do Getsêmani, Jesus de Nazaré encara, de cabeça erguida, os sofrimentos que estão prestes a chegar. Mesmo que visitado por um sentimento de angústia, encara a cruz como projeto de amor e entrega incondicional. Abraça o sofrimento como parte inerente da vida humana. Passa por esses momentos em profunda oração, à semelhança de qualquer ser humano sensível que ama a vida mais do que a morte. Desse modo, vai transformar o Calvário numa passeata de consolação. Transforma-o na praça da mais profunda manifestação de amor. O Cristo, que se permite vulnerável, espetáculo para seus poderosos oponentes, semente moída pelos algozes, não se permite desumano, continua sendo Ele mesmo, não muda, tendo como referencial a maldade de seus opositores. Jesus continuou motivado a viver a partir dos paradigmas dos princípios e valores que Ele estabeleceu. Continuou sendo Ele, vivendo em profunda oração: “Pai, perdoai-lhes”. Continuou abençoando e propiciando a fermentação da vida: Para uns, Ele disse: “Hoje estarás comigo no paraíso”. Ele não se permitiu ser vítima desse processo anti-vida. Para sua mãe e seu grande amigo, João, disse, respectivamente: “Mulher, eis aí teu filho” e [Filho,] “eis aí tua mãe” (Jo 19.26,27). Este episódio me passa a imagem de um Jesus consolador e não vítima da maldade de outros. A Maria, é como se estivesse percebendo a dor de perder um filho, e sugere, então, a adoção do discípulo amado. Ao discípulo amado, diante da perda do grande amigo, Ele recomenda acolher a maternidade de Maria.

Portanto, é por este Jesus de Nazaré que Pedro continua fascinando. Pedro levantou-se no dia de Pentecostes para falar sobre os acontecimentos dos últimos dias. Mas sua mente, ungida pelo Espírito Santo, o conduziu a manter-se fascinado e deslumbrado pela pessoa de Jesus. Ele anuncia dizendo que esse Jesus que foi crucificado, Deus o fez Senhor e Cristo, e que está vivo, ressuscitou, e é Senhor sobre todas as coisas (At 2.36).

Venho para este congresso orando, a fim de que haja uma “cativação” no meu coração para seguir a Jesus. Quero amá-lo, segui-lo. Desejo ser cativado pelo Espírito Santo para imitá-lo. Sei que estou muito distante ainda, mas tenho esperança. Preciso das suas orações. Meu desejo é

aprender a orar como Ele orou, a viver como Ele viveu. Este é o sonho, meu grande desejo, meu maior projeto de vida. E se isto acontecer, morrerei realizado com a vida. Se não acontecer, serei um cidadão frustrado, ficarei enojado comigo mesmo. Prefiro permanecer enojado por não conseguir a plenitude desse sonho a permitir que morra dentro de mim a esperança de que isto é possível.

Eu sonho que haja uma manifestação sobrenatural do Espírito Santo sobre todos nós. Que todos sejamos cheios do fruto e dos dons do Espírito. Que todos sejamos imersos, aspergidos, tatuados, marcados pelo amor doado por graça e bondade do Espírito Santo. Que todos sejamos invadidos pela paz que nos conduz à reconciliação. Que todos sejamos guiados e abençoados pelas virtudes do Espírito Santo. Que Ele nos dê a capacidade de discernimento, nos dê a capacidade de acolher toda a sabedoria no conjunto das mentes dos homens e das mulheres que aqui estão. Que possamos, no mover do Espírito, ver o rosto do Senhor Jesus Cristo no olhar e na vida de cada um dos nossos irmãos e irmãs.

Sonho que todas as nossas elaborações sejam uma comunicação das grandezas de Deus, e que, qualquer coisa fora disto, seja considerada vulgar e desprezível. Que todas as nossas elaborações sejam fruto da capacidade de colhermos o que Deus está fazendo no semi-árido, nas regiões ribeirinhas, nas favelas, nos bairros pobres. Que todas as nossas elaborações sejam o resultado da prática e da vida missionária de muitos irmãos e irmãs, que neste país afora, estão cumprindo a missão do reino de Deus, estão anunciando o evangelho com muita graça e muita garra, na maioria das vezes com muitas limitações. Que as nossas elaborações sejam resultantes da capacidade de acolhermos a sensibilidade de homens e mulheres que estão aqui sacrificando o seu trabalho difícil e penoso. Gente que trabalha fazendo unhas, a manicure que precisou trabalhar noites a fio, finais de semana, para ter um dinheirinho a mais, a fim de estar aqui conosco. Mulheres que pediram licença dos seus trabalhos e tiveram seus salários diminuídos, e, mesmo assim, pagaram o preço, porque acreditam em Deus, em seu Filho Jesus Cristo e querem ser movidas pelo poder do Espírito Santo.

Concluo lembrando algumas questões que enfatizamos no texto: Administraremos melhor o conflito de gerações que vivemos, abraçando o espírito visionário dos nossos jovens e a esperança dos nossos idosos.

Incorporemos nossa missão entre os pobres e marginalizados, entendendo que, possivelmente, a partir dessa ambiência, o evangelho encontra terreno fértil para sua frutificação. Ou que, pelo menos, compreenderemos, na ótica do pobre, os códigos do evangelho. Quando Jesus diz: “Eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber” (Mt 25.35, NVI), de certo modo, Jesus está desafiando seus seguidores a mostrarem uma atitude misericordiosa. Mas acredito também que Jesus está sinalizando os lugares onde mais facilmente poderemos encontrá-lo. Missão entre os pobres é uma via de mão dupla – enquanto oferecemos o nosso socorro, Jesus assume para si o serviço prestado. Se o outro é abençoado, nós o somos muito mais.

Se continuarmos pensando em transformação social, precisaremos buscá-la na transcendência do evangelho ou nas classes sociais que não fazem parte dos vícios sociais de dominação e poder. Com que tipo de igreja sonhamos? Pensamos nas comunidades dos discípulos ou nos encantamos com o que aconteceu com o cristianismo institucionalizado, pragmático representado por instituições poderosas de dominação e controle das massas? Aliás, os dados do IBGE estão aí para nos mostrar que a soma das igrejas pequenas espalhadas no Brasil representa um percentual muito mais elevado do que a soma das igrejas que estão na vitrine. Os tigres de bengala estão em extinção, os coelhos e os cordeiros continuam vivos.

Continuo cativado pelo evangelho da manjedoura. Acredito no Jesus que passou pelo deserto, no Jesus que fez sua entrada triunfal em Jerusalém montado num jégue; acredito no Jesus que encarou a dor e o sofrimento no Getsêmani, acredito no Jesus Cristo da cruz; acredito no mestre e salvador que morreu e ressuscitou, e, por isso, acredito que não temos outro modelo de liderança para vivermos bem o seu evangelho, a não ser o modelo de nosso Senhor Jesus Cristo. Acredito,

também, que qualquer comunidade só será relevante se viver fundamentada nas comunidades dos discípulos de Jesus Cristo.

Se quisermos inventar outras formas, inventemos. Se quisermos imitar outros líderes, imitemos. Mas estejamos prontos para escrevermos na lápide de nosso túmulo:

“Vivi, a Jesus não imitei;  
morri, não vi: me arrebentei!”

Refletimos sobre uma igreja que permanecia em oração. Não podemos ter nenhuma previsão da igreja que ora, da igreja que submete sua missão à soberania do Espírito Santo. Não podemos ter nenhuma previsão de uma igreja que, subitamente, acolhe o Consolador, uma igreja aberta à surpresa, ao inusitado, aberta às possibilidades da ação de Deus em meio às nossas limitações. Igreja capaz de produzir, mas produzir especialmente o que é peculiar ao reino de Deus. Podemos produzir muito, impressionar com a nossa produção. Mas podemos estar produzindo coisas de outra natureza, que não a natureza do evangelho.

Uma igreja inspirada e movida pelo sopro do Espírito não tem jeito. Terá de administrar as implicações da cura real de um coxo na porta do templo. Depois da descida do Espírito Santo, foi esse o sinal que afrontou as autoridades de Jerusalém, tanto as religiosas como as políticas. Produzindo o que é peculiar ao evangelho, uma igreja é capaz de conduzir um Barnabé ao despojamento de seus bens. Transforma um Saulo de Tarso num Paulo que, em lugar de perseguidor, passa a perseguido. Comunidade cuja visibilidade se torna atraente em alguns lugares, e, em outros, é vitimada pela perseguição e sofrimento. Povo de Deus que se espalha e vai encontrando seus pares. Sai de Jerusalém, passa pela Judéia, chega a Samaria, alcança os confins da Terra (chega até mesmo ao Ceará, abençoa o meu coração e minha família). Uma comunidade cuidando dos seus pobres, e dos pobres de que outros deveriam cuidar. O Estado, por exemplo. Uma igreja olhando para o Calvário como ponto de chegada. Disposta a amar e viver a mensagem da cruz. Acolher a mensagem da cruz como paradigma, e, se a morte for o caminho, como consequência não haverá frustração ou desencanto.

A cruz continuará sendo a mensagem, a loucura, a ambigüidade, a aparente contradição em que a vida de Deus se manifesta e sinaliza a todo ser humano que Deus é amor, misericordioso. Somente na cruz percebemos o quanto Deus é pleno em bondade.

Começamos refletindo sobre uma igreja em oração; concluo, também, em oração:

Que Deus, em sua infinita graça, nos conceda a possibilidade de desfrutarmos a vida, marcados pelo exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, convivendo em comunidades de fé que nos inspirem e nos ajudem a sermos *humanos ao máximo*, de maneira que todos os homens e mulheres em todos os lugares do mundo tenham a oportunidade de ouvir e responder ao chamado de Deus.

Que Deus nos abençoe.

CARLOS QUEIROZ

Presidente do CBE2

*Belo Horizonte, 27 de outubro de 2003*